

AS DUAS GRAMÁTICAS DE LEODEGÁRIO AZEVEDO FILHO

Claudio Cezar Henriques (UERJ, UNESA e ABRAFIL)

Introdução

Na Apresentação dos *Estudos Universitários de Língua e Literatura*, miscelânea em homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho, publicada em 1993 pela editora Tempo Brasileiro, escreveu Antônio Houaiss sobre o homenageado (p. 15):

(...) que me seja lícito referir o fato de que, já no início da carreira, logo então no magistério superior, sempre em função apaixonada desta sua e nossa língua portuguesa, foi um fiel servidor das suas modalidades oral e escrita, compenetrando-se de a modernidade, pelo menos em termos lingüísticos e linguajeiros, não poder ser apenas linguisticamente compreendida, se não o fosse também, em concomitância, filologicamente enfrentada (...)

Proficuo na produção acadêmica de base investigativa e interpretativa, Leodegário foi sobretudo um professor dedicado que esbanjava responsabilidade sobre essa função. Por isso, sua obra está muito bem abastecida de contribuições didáticas e de testemunhos das atividades de pesquisa que ele, ao longo de toda carreira, sempre desenvolveu e estimulou.

Sua consciência profissional estava “centrada no sentimento de amor à causa da educação e à causa da cultura”, como disse no discurso de agradecimento que proferiu por ocasião do recebimento do título de Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1992. E, embora se tenha tornado uma referência nos estudos literários e, em especial, na investigação da obra de Luís de Camões, não foram poucas as publicações de Leodegário que tiveram como foco a língua portuguesa, a começar por seus três primeiros livros, *Alguns Problemas do Idioma* (de 1953) e *Didática Especial de Português e Lições de Análise Sintática* (ambos de 1958).

Em 1968 e em 1971, Leodegário publicou duas gramáticas, e esse é o tema que vamos focalizar neste artigo, analisando e interpretando o pensamento e as lições que se encontram na *Gramática Básica da Língua Portuguesa* (1968, Fundo de Cultura) e em *Para uma Gramática Estrutural da Língua Portuguesa* (1971, Gernasa).

Identificando as obras (I)

A *Gramática Básica da Língua Portuguesa* (doravante GBLP) se fundamenta num princípio exposto pelo autor na Introdução Geral (p. 11):

Não é certo dizer-se que a gramática ensina a falar e escrever corretamente a língua, como a definiam antigos autores. Quando muito, pode ela concorrer para a correção e fixação da linguagem, esclarecendo dúvidas e indicando normas.

Apresentando uma posição muito diferente daquela de tantos outros gramáticos que o antecederam ou que foram seus contemporâneos, Leodegário afirma logo em seguida que “um indivíduo pode escrever corretamente, sem escrever bem”, ou seja, “pode a gramática oferecer boas indicações para a correção da linguagem, mas não tem recursos para ensinar ninguém a escrever bem a língua” (p. 11).

Cito um único exemplo da visão oposta à de Leodegário no tocante ao papel da gramática na vida das pessoas. Retiro-a da *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, de Napoleão Mendes de Almeida, que atingiu em 2009 sua 46ª edição (é publicada desde 1943): “Boa é a gramática que apresenta ao aluno o idioma como diamante despojado dos cascalhos e impurezas, já lapidado, pronto para ser usado” (p. 7).

Alinha-se Leodegário na categoria de gramáticos normativo-descritivistas como seus confrades Gladstone Chaves de Melo, que publicou (também em 1968) sua *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa* (GFLP), e Celso Ferreira da Cunha, que publicou (em 1970) sua *Gramática do Português Contemporâneo* (GPC).

Gladstone, Celso e Leodegário compartilhavam de uma visão bem próxima sobre as finalidades de uma gramática. Na *GFLP*, revela Gladstone Chaves de Melo “sempre ter feito da Gramática serva da língua e jamais senhora dela” (p. 4). Na *GPC*, Celso Cunha defende que “por cima de todos os critérios de correção – aplicáveis nuns casos, inaplicáveis noutros – paira o da aceitabilidade social, a *consuetudo* de Varrão, o único válido em qualquer circunstância” (p. 14).

A *GBLP* é, nesse sentido, um livro de características especiais, pois tem como público-alvo os estudantes do ensino médio e se apoia, pelas razões explicadas e ressaltadas por Leodegário, nas indicações da Portaria 36 que oficializou a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Praticamente dez anos depois de sua adoção por recomendação do MEC, a NGB é apresentada pelo autor da *GBLP* como “um grande passo no aperfeiçoamento do estudo de nossa língua”, pois antes dela “cada professor e cada autor usavam os termos de sua preferência, não havendo uniformidade alguma, fato que naturalmente era prejudicial ao ensino” (p. 14-5). Mas Leodegário adverte que a NGB “não é perfeita” e que “nela, evidentemente, há falhas”, o que lhe serve de justificativa para, ao final de cada capítulo, acrescentar o que diz serem “despretensiosas sugestões objetivas para uma possível revisão do trabalho” (p. 15).

Leodegário construiu sua *Gramática Básica da Língua Portuguesa* com a clássica metodologia que divide a gramática em três partes e as dispõe da unidade me-

nor para a unidade maior, ou seja: primeiro a fonética, depois a morfologia, depois a sintaxe. É a mesma estrutura adotada na NGB, incluindo um Apêndice nos mesmos moldes do que dispõe o texto da Portaria 36. É também a mesma organização praticada pela grande maioria das gramáticas até então publicadas, sendo uma das exceções a *Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*, de Mário Pereira de Souza Lima, publicada em 1936. Souza Lima estruturou sua obra adotando caminho inverso: “em vez de começar separadamente pela Fonética ou pela Morfologia”, o ensino da Gramática deve “considerar de início a *proposição* e dela descer às diferentes partes do discurso, mostrando como estas vivem em conjunto, como se limitam e se completam” (p. 7-8).

Parece-se então a *GBLP* com o livro que Adriano da Gama Kury publicara em 1959, *Pequena Gramática para a Explicação da Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira* (PGr), campeão de vendas e dono de sucessivas edições na temporada pós-NGB (em 1968, ano em que sai a *GBLP*, a PGr já estava na 10ª edição). A diferença é que a *GBLP* não tinha o tom imediatista da obra de Kury, que atendeu a uma demanda urgente da época de sua publicação. Por isso, a *GBLP* podia apresentar as já citadas sugestões de acréscimo ao texto oficial, embora o livro de Adriano da Gama Kury também contivesse observações pertinentes a respeito da omissão e da substituição de termos necessários à descrição, pois o autor confessa ter utilizado “nomes não acolhidos na NGB” em virtude da “natureza de sua exposição” de certos tópicos (p. 13).

Na *GBLP*, Leodegário apresenta a sugestão de que se use o termo *fonologia* em lugar de *fonética* e discute a opção da NGB quanto às denominações *fonética descritiva*, *fonética histórica* e *fonética sintática*, mostrando que não são termos que se opõem como dá a entender o texto oficial. Ainda na parte que se refere à fonética, o autor propõe as seguintes alterações: (a) inclusão da expressão *aparelho fonador* ou *aparelho vocal*; (b) acréscimo de um quinto critério para a classificação das vogais, o *abrimento bucal* ou o *arredondamento dos lábios* (situação a que outros autores também se referem, sugerindo o acréscimo do critério de classificação das vogais quanto à *elevação da língua*); (c) supressão da classificação das vogais como *reduzidas*, porque “praticamente se confundem com as vogais átonas”; (d) inclusão da classificação das vogais subtônicas, por coerência com a classificação das sílabas subtônicas; (e) restrição da classificação das consoantes constrictivas apenas para as *fricativas* e adoção do termo *contínuas* para as laterais, vibrantes e nasais.

Nos capítulos que tratam da morfologia, a *GBLP* propõe: (a) inclusão dos termos *parassíntese*, *justaposição* e *aglutinação*, omitidos pela NGB; (b) inclusão dos termos *morfema* e *semantema*; (c) substituição da denominação *classes de palavras* por *categorias linguísticas*, com sua redistribuição em dois grupos, sendo categorias variáveis os *nomes* (*substantivo* e *adjetivo*), os *pronomes* (*substantivo* e *adjetivo* – neste se inclui o *artigo*) e os *verbos* e categorias invariáveis os *advérbios*, as *preposições*, as *conjunções* e a *interjeição*, que, “a rigor, é uma frase” (p. 76); (d) revisão do uso do termo *grau* tanto no que se refere aos substantivos quanto aos adjetivos e aos advérbios; (e) inclusão das denominações *locução substantiva*, *locução numeral* e *numeral coletivo*; (f) exclusão das palavras que denotam afirmação, negação, dúvida e intensidade do grupo de advérbios.

Os capítulos de sintaxe têm as seguintes sugestões para a atualização da NGB: (a) recomendação de que as palavras *frase*, *termo* e *núcleo* sejam citadas como denominações “técnicas indispensáveis à exposição doutrinária” (p. 175); (b) aproveitamento do termo *bitransitivo*, consagrado pelo uso; (c) inclusão dos processos de *justaposição* e *correlação* no estudo do período composto; (d) inclusão da oração *subordinada substantiva agente da passiva*; (e) substituição da denominação *orações desenvolvidas e reduzidas* por *explícitas e implícitas*; (f) admissão de que as orações *implícitas* (as reduzidas) também podem corresponder a orações coordenadas.

Coincide a maioria de suas sugestões com o que disseram muitos gramáticos que o antecederam e sucederam na história dos estudos gramaticais do português. As obras referenciais na bibliografia dos cursos de formação de professores de língua portuguesa de algum modo fazem eco ou dialogam com os questionamentos apresentados na *GBLP*, cujo intuito – como dissemos – não eram os cursos superiores, mas o ensino médio. Por isso, deve-se destacar sua feição didática e as palavras de orientação ao aluno e ao professor que lidava em sala de aula com uma realidade em processo de mudança. A preocupação de Leodegário com a descrição do português ultrapassava, porém, a fronteira do ensino médio e, por isso, poucos anos depois de oferecer a *Gramática Básica*, o autor apresentava uma outra visão sobre o assunto. É o que consta do próximo ponto deste artigo.

Identificando as obras (II)

Diferente da gramática que publicara em 1968, na qual o autor privilegiava a descrição seguindo o molde configurado pela NGB, *Para uma Gramática Estrutural da Língua Portuguesa* (doravante *GELP*) – que é lançada apenas três anos depois – tem como meta alcançar o público universitário. Seus pressupostos estão apresentados no texto assinado pelos editores e que consta da primeira orelha do livro, de onde extraio a seguinte passagem:

Em nível superior, o desejável é o confronto e a discussão de doutrinas e terminologias diversas, surgindo desses paralelos uma posição de crítica reflexiva altamente salutar ao progresso dos estudos gramaticais.

A *GELP* exercita esse compromisso e se propõe levar o leitor “à meditação e ao estudo da gramática portuguesa à luz da linguística contemporânea”, no caso a linguística dos anos 70 do século passado.

Gramáticas estruturais apresentam uma descrição sincrônica da língua, concebida como um sistema em que há interligação e interdependência em todos seus componentes e em que se trabalha a partir da noção de oposição de estruturas. A *GELP* foi a primeira tentativa de se elaborar uma gramática estrutural no Brasil. Entretanto, é preciso dizer que o emprego do sintagma “gramática estrutural” como título de livro não teve sucesso por aqui. Linguistas e gramáticos com formação estruturalista não foram (e não são) poucos, mas a bibliografia de estudos gramaticais brasileiros autointitulados

estruturalistas é pequena. Ela incluirá certamente os livros *Português Estrutural*, de José Rebouças Macambira, lançado em 1974, e *Elementos para uma Estrutura da Língua Portuguesa*, de Walmírio Macedo, cuja primeira edição é de 1976, além do pioneiro (embora inacabado) *Estrutura da Língua Portuguesa*, de Joaquim Mattoso Câmara Jr., publicado postumamente em 1970. Também fará parte dessa relação um outro livro póstumo de Câmara Jr., *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, de 1975, originalmente publicado nos Estados Unidos (em 1972), com tradução de Anthony J. Naro.

A gramática estrutural teve como precursor Ferdinand de Saussure, que proclamara serem as línguas uma estrutura, um entrelaçamento de relações sintagmáticas e paradigmáticas, opositivas e dicotômicas, um sistema em que todas as partes podem e devem ser observadas e descritas a partir de sua solidariedade sincrônica. Esse princípio está exposto no capítulo “Linguagem: língua e fala” da *GELP*, que define a gramática como “o estudo sistemático das estruturas linguísticas em plano sincrônico” (p. 16)

Leodegário apresenta essa pretensão já ao nomear cinco dos capítulos com a palavra-chave do livro: “Estruturalismo e Fonologia”; “Estruturalismo e Morfologia”; “Estruturalismo e Sintaxe”; “Estruturalismo e Semântica”; e “Estruturalismo e Geografia Dialetal”. Um dos outros capítulos, “O Português do Brasil” (o terceiro do livro), bem poderia estar integrado ao de geografia dialetal, sendo interessante observar que o autor optou por “escudar” os capítulos de fonologia, morfologia, sintaxe e semântica com dois capítulos interligados, os citados “O Português do Brasil” e “Estruturalismo e Geografia Dialetal”. Essa estratégia de construção da *GELP* revela um traço marcante em toda a obra de Leodegário Azevedo Filho, a preocupação com os temas da língua portuguesa no mundo e em especial no Brasil.

A segunda gramática leodegariana é dedicada à memória de J. Mattoso Câmara Jr., que falecera um ano antes. Mattoso tem sua obra citada em várias passagens do livro. Leodegário, porém, não se limita a dedicar sua *GELP* à memória do saudoso mestre e a citá-lo: o último capítulo é, na verdade, uma celebração a Mattoso. Intitula-se “Sistematização da Linguística no Brasil”. Sua primeira frase diz: “Até hoje, a rigor, só há um livro de Linguística Geral no Brasil, os *Princípios de Linguística Geral*, do professor J. Mattoso Câmara Jr., obra publicada pela Livraria Acadêmica” (p. 169).

Para completar as informações sobre a disposição dos dez capítulos (já identificamos oito deles), resta dizer que há o “Prólogo” e um capítulo chamado “Modelos de Descrição da Linguagem”, no qual o autor reproduz monografia escrita em 1965 sobre passos, procedimentos e instrumentos descritivos. O texto mostra as conclusões que alcançou a partir de estudos feitos com Norman McQuown.

Se considerarmos como cerne da *GELP* os capítulos que se referem à fonologia, à morfologia, à sintaxe e à semântica, veremos que as ideias estruturalistas do autor são de fato o que ele mesmo chama de “primeira tentativa”. Percebe-se no texto, sobretudo no capítulo “Estruturalismo e Fonologia”, a reiterada citação à NGB. Complementá-la e apontar suas contradições parece tornar a correta explicação estruturalista menos incisiva do que deveria.

O mesmo não ocorre nos dois capítulos seguintes, pois a morfologia e a sintaxe são explicadas sem nenhuma referência à nomenclatura oficial. Leodegário, no

capítulo “Estruturalismo e Morfologia”, expõe o funcionamento dos morfemas, das categorias gramaticais de gênero, número, modo, tempo, aspecto, pessoa e voz, da estrutura mórfica e dos processos de formação das palavras, da classificação e da flexão das palavras. No capítulo “Estruturalismo e Sintaxe”, a abordagem da hipotaxe e da parataxe se baseia nas noções de sequência e sintagma, que incluem a apreensão dos constituintes em ordem decrescente, do componente periodológico ao lexical.

O capítulo “Estruturalismo e Semântica” também omite a referência à NGB. Poderia até dizer que a palavra “semântica” não consta da nomenclatura oficial e que esta, quando muito, cita apenas “significação das palavras” e “antônimo, homônimo, sinônimo, sentido figurado” – encaixados num modesto apêndice da Portaria 36. Colocando a semântica no mesmo patamar da fonologia, da morfologia e da sintaxe, Leodegário faz uma opção quanto ao *status* do plano da significação nos estudos gramaticais, algo não muito comum durante muito tempo e que nos faz recordar o que diz Rodolfo Ilari no livro *Introdução à Semântica*, de 2001: “Não é exagero dizer que o estudo da significação recebe muito pouca atenção nas aulas de língua portuguesa de qualquer fase da escolaridade.” O capítulo “Estruturalismo e Semântica” da *GELP* está centrado na teoria noológica de Luís Prieto, ou seja, a teoria funcional do significado.

Como se vê, o livro *Para uma Gramática Estrutural da Língua Portuguesa* cumpre sua finalidade inovadora experimental e fornece material que ainda hoje, quarenta anos decorridos, é debatido e retomado nas obras de nossos contemporâneos.

A inspiração de Mattoso Câmara para a elaboração desse livro levaria Leodegário Azevedo a uma nova empreitada. Em 2004, por ocasião dos festejos do centenário de nascimento de Mattoso, Leodegário promoveu a republicação de seu livro. Outros tempos, outros costumes... Não seria o caso de se manter o título antigo, pois aquele contexto não mais existia e os estudos chamados estruturalistas já não ocupavam o mesmo espaço acadêmico, embora seja melhor dizer que o estruturalismo adotou novos nomes, mesclou-se com os estudos funcionalistas, descritivistas, pragmáticos, discursivos desta época cada vez mais repleta de nomes diferentes para, no fundo, apresentar os mesmos resultados problemáticos.

Publicada pela H.P. Comunicação, a *GELP* recebeu um novo nome, estrategicamente neutro: *Descrição e Funcionamento da Língua Portuguesa* – um eufemismo apropriado escolhido pelo autor para reapresentar suas propostas sem que precisasse de um rótulo classificatório para si e para a obra.

Muito poucas são as mudanças efetuadas na nova versão (doravante *DFLP*). O capítulo final “Sistematização da Linguística no Brasil” passa a ser o antelóquio da edição de 2004, com um retoque no título, agora mais explícito, “J. Mattoso Câmara Jr. e a sistematização da Linguística moderna no Brasil”. O conteúdo é o mesmo, exceto por um retoque cronológico naquele trecho de abertura que transcrevemos há pouco. Onde se lia “Até hoje, a rigor, só há um livro de Linguística Geral no Brasil”, passa-se a ler “O livro que deu origem à sistematização da linguística moderna no Brasil”. Há também, no final do capítulo, um acréscimo informativo, citando a homenagem da Academia Brasileira de Filologia no ano do centenário do nascimento de Mattoso Câmara.

No capítulo “Modelos de Descrição da Linguagem”, Leodegário retirou as

“considerações finais”, em que reproduzia respostas suas a algumas ponderações de Norman McQuown sobre o conteúdo do capítulo. Outra mudança na obra é a retirada da palavra “estruturalismo” dos cinco capítulos nucleares. Seus novos nomes são “Sistema Fonológico”, “Sistema Morfológico”, “Sistema Sintático”, “Semântica” (sem a palavra “sistema”) e “Geografia Dialetal” (sem a palavra “sistema”). Nos quatro primeiros, o texto está integralmente mantido; no último, há o acréscimo de um pequeno parágrafo que dá notícia de estudos dialetológicos posteriores ao Atlas Prévio dos Falares Baianos.

Como acréscimo à versão de 1971, *DFLP* inclui um novo capítulo final, “Sobre o Espaço da Nova Lusitânia”, texto escrito em 2002 e que reforça a afirmação de que Leodegário Azevedo Filho era um lusitanista engajado e vibrante nas questões da língua portuguesa e de suas literaturas.

Conclusão

As duas gramáticas escritas por um homem que se notabilizou por seus estudos literários atestam o fascínio que a educação e o campo das Letras são capazes de proporcionar a pessoas sensíveis: interpretar o texto, deslindá-lo, construir sua exegese; descrever a língua, apresentar sua estrutura, oferecer caminhos para o ensino – todos esses pontos se tocam... se quisermos. Preocupado com a situação da educação brasileira, Leodegário sempre mostrou a necessidade de mudanças seguindo o lema que repetia em entrevistas e em público: “Temos de lutar por nossas utopias”. Duas delas falavam da maior atenção ao ensino básico e do apoio às atividades de pesquisa e de incentivo à cultura.

Encerro este artigo citando de novo palavras suas no discurso de agradecimento proferido na UERJ em 1992.

Parece inadiável compreender que não se qualifica uma sociedade a não ser pela educação e pela cultura. E que uma sociedade, culturalmente desqualificada, muito pouco ou quase nada pode produzir, como é o caso da nossa, onde as formas de crescimento apenas decorrem da desigualdade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1986.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Alguns Problemas do Idioma*. Rio de Janeiro: Ed. Carioca, 1953.

_____. *Descrição e Funcionamento da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação, 2004.

_____. *Didática Especial de Português: para o curso secundário*. Rio de Janeiro: Conquista, 1958.

_____. *Gramática Básica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura,

- 1968.
- _____. *Lições de Análise Sintática para o ensino médio*. Rio de Janeiro: Conquista, 1958.
- _____. *Para uma Gramática Estrutural da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971.
- CÂMARA, J. Mattoso Câmara. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1970.
- _____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- _____. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Nomenclatura Gramatical Brasileira: 50 anos depois*. São Paulo: Parábola, 2009.
- ILARI, Rodolfo. *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.
- KURY, Adriano da Gama. *Pequena Gramática para a Explicação da Nova Nomenclatura Gramatical*. Rio de Janeiro: Agir, 1959.
- LIMA, Mário Pereira de Souza. *Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1937.
- MACAMBIRA, José Rebouças. *Português Estrutural*. São Paulo: Pioneira, 1978.
- MACEDO, Walmírio. *Elementos para uma Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SOCIEDADE Brasileira de Língua e Literatura. *Estudos Universitários de Língua e Literatura: homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

